

Aquisição da linguagem numa abordagem gerativa¹

Mary Aizawa Kato
UNICAMP

Em uma conferência no Encontro da ABRALIN 1996 (Kato, 1997) tento mostrar que os desenvolvimentos nas ciências lingüísticas seriam mais bem compreendidos como estágios, e eu diria também ângulos complementares, de um único programa de pesquisa, do que como diferentes -ismos. Seria interessante ver também as visões aqui apresentadas, nessa perspectiva de estágios e de complementariedade. O aspecto da complementariedade fica visível nos trabalhos em aquisição que vêm sendo desenvolvidos na UNICAMP, onde partilhamos do mesmo *corpus* do grupo interacionista, liderado por Cláudia Lemos, e a metodologia longitudinal escolhida também se deve à existência desse corpus do Projeto da Professora Lemos, que iniciou os estudos em aquisição no país.

Mudei também o termo "inatista", dado à minha abordagem, para "gerativista", uma vez que todas as perspectivas teóricas em aquisição envolvem algum tipo de inatismo. Em relação à visão gerativa, assume-se que o que vem geneticamente programado em relação à gramática é um módulo especializado da mente e não um mecanismo multi-funcional. Esse modelo específico estaria encaixado em um sistema de "performance".

Passo agora a relatar muito resumidamente os desenvolvimentos ocorridos no Brasil na área em discussão, dentro da pesquisa gerativa.

Desde o modelo de 1965, a teoria lingüística devia ter, para Chomsky, adequação em três níveis: observacional, des-

¹ O conteúdo desta comunicação foi extraída de Kato (a sair).

critivo e explanatório. Uma teoria que fornece respostas à questão da aquisição é, para ele, uma teoria que atinge o nível explanatório. Logo, estudos sobre aquisição não são meros exercícios de aplicação da teoria. Com efeito, alguns dos estudos de aquisição na perspectiva de Princípios e Parâmetros (PP) têm dado contribuições teóricas importantes.²

Apesar disso, após um entusiasmo inicial pela teoria gerativa padrão como fonte de hipóteses para a área da aquisição, houve, na década de 70, na área da psicolinguística, um arrefecimento desse interesse pela visão inatista e formalista chomskiana. Isso se deve à interpretação equivocada, por parte dos psicolinguistas, de interpretar regras gramaticais como operações de processamento. Também contribuiu para o descrédito o fato de, no início da década, a teoria linguística estar preocupada apenas com descrições estruturais de línguas particulares e, no decorrer da década, com as restrições universais formais. Ora, estas, por envolverem apenas os aspectos invariantes das línguas naturais, eram pressupostas como sendo inatas, dispensando a experiência para o seu conhecimento, não sobrando, portanto, questões empíricas muito interessantes.

As várias tentativas frustradas do emprego equivocado de regras de derivação como processos mentais de uso ficaram conhecidas como a pesquisa guiada pela Hipótese da Complexidade Derivacional (HCD), segundo a qual, quanto mais transformações uma estrutura envolvia, mais tardia seria a sua aquisição.³

A teoria gerativa foi oficialmente introduzida no Brasil no Instituto da ALFAL que se realizou na Universidade de São Paulo em 1969. No período que se convencionou chamar de Modelo Padrão, a teoria, ainda muito nova entre nós, teve apenas um pequeno número de adeptos. Nosso atraso em relação à própria teoria linguística nos salvou de investir muito tempo e trabalho nessa hipótese "furada" e permitiu que os estudos de

aquisição formal praticamente se iniciassem dentro da Teoria de Princípios e Parâmetro (TPP).

A TPP (Chomsky, 1981, 1982, 1986, 1995) pretende ter atingido a adequação explicativa, pois a concepção de Gramática Universal, tal como concebida nela, daria respostas simples para o problema lógico da aquisição.⁴ Como seria essa resposta? Na visão da TPP, uma língua-I,⁵ isto é, o conhecimento da gramática adquirida por um adulto falante de uma língua natural qualquer, define-se pelo conjunto de propriedades invariantes presentes na Gramática Universal (GU) e pela seleção do valor (+) ou (-) das propriedades que aí estão subespecificadas, antes da interação da criança com seu ambiente. A criança não precisa aprender os princípios, pois eles são invariantes e, para fixar o valor do parâmetro, basta prestar atenção aos gatilhos (triggers) presentes nos dados ambientais.

Mas para o psicolinguista há perguntas mais complicadas para serem respondidas e para as quais trabalhos empíricos são necessários, sejam eles experimentais ou não.

Uma das perguntas é: os princípios invariantes estão disponíveis desde o início ou maturam com a idade? Houve vários trabalhos experimentais para se testar se a criança tem conhecimento de um determinado princípio. Por exemplo, um trabalho clássico é o de Otsu (1981), que procura investigar o conhecimento do princípio da subjacência pelas crianças. No Brasil, o trabalho de Roncarati (1986)⁶ estuda, experimentalmente, o mesmo fenômeno. Também temos o trabalho em desenvolvimento de Augusto (1998),⁷ que testa a compreensão de extração de elementos-Q de ilhas fracas.

⁴ O problema que se levanta é: como a criança consegue saber tanto com tão pouca evidência, ou com dados tão imperfeitos.

⁵ Língua-I é definida como o conhecimento linguístico Internalizado, Individual e Intensional do adulto.

⁶ Roncarati, C. (1986) *Universals Linguísticos no Saber Sintático: um estudo explanatório com crianças do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. UFRJ.

⁷ Augusto, M. (1998) *The parsing of structures with adjunct extraction by Brazilian children: the design of a project*. Workshop sobre Gramática e Aquisição da Linguagem. UNICAMP, 23-24 de março de 1998.

² Cito aqui apenas, a título de ilustração, o trabalho de Wexler e Manzini (1987), Lebeaux (1988) e Clark e Roberts (1993).

³ Havia, porém, implícita, nessa hipótese, o requisito atual da simplicidade que Chomsky (1965) queria alcançar para a sua teoria linguística e do qual se aproxima cada vez mais.

Em relação ao princípio de ligação, Crain & McKee (apud Goodluck, 1991)⁸ mostram que aos 3 anos as crianças já são sensíveis às suas restrições.

Outra vertente da pesquisa gerativa em aquisição é a que trata da fixação de parâmetros pela criança. Uma vez que a fixação dos parâmetros é considerada um problema da morfologia dos núcleos funcionais, os estudos passam a focalizar as propriedades substantivas das línguas, mais especificamente, as categorias funcionais, onde se situa a propriedade que define a variação lingüística. A pergunta que surge, então, é se as categorias funcionais emergem instantaneamente ou se aparecem pouco a pouco com a idade. Para uns a gramática da criança é no início truncada, tendo apenas a projeção mais baixa VP, NP ou AP, isto é projeções lexicais (Radford, 1990; Lebaux, 1983). Para Rizzi (1992), a gramática da criança é truncada em IP ou mesmo em projeções mais baixas. Para os continuistas (Hyams, 1984 e outros) a gramática da criança tem o esqueleto pleno. Esta última é a posição esposada em Kato (1996b)⁹ e Kato (1995a).¹⁰ O trabalho de Santos (1996)¹¹ sustenta a mesma tese, porém com dados da prosódia e da fonologia. Na formulação dos continuistas, os dados truncados a) dão pistas para supor a existência de categorias funcionais mais altas; b) devem-se ao fenômeno de processamento (comuns no adulto) e c) são devidos a lacunas lexicais.¹² Hipótese semelhante a do truncamento é aquela que advoga a ancoragem semântica para a aquisição das categorias formais. Em Perroni (1998)¹³ são analisadas as estruturas subordinadas, mais especificamente o papel do com-

⁸ Crain, S & C. McKee (1985) Acquisition of structural restrictions on anaphora. In: S Berman et alii (eds) *Proceedings of the 16th North Eastern Linguistics Society Meeting*. Amherst, Mass.

⁹ Kato, M. A. (1996b) "Raízes não-finitas na criança e a construção do sujeito". *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 29:119-136.

¹⁰ Kato, M. A. (1995a) "Gramática infantil: competência plena ou uma gramática sem categorias funcionais?" *Anais da 47^a Reunião da SBPC: Conferências, Simpósios, Mesas-redondas*, Vol. I:177-184. São Luiz.

¹¹ Santos, R. R. (1996) "O caso dos 'place holders' enquanto dispositivo de categorias funcionais". *Anais do XXV Seminário do GEL*:728-732.

¹² Veja também Nardy, M. N. S. N. (1995) *Aquisição: um estudo em crianças de um a três anos*. Dissertação de Mestrado. UFRJ, no qual são analisadas as categorias funcionais de crianças entre 1-3 anos.

¹³ Perroni, M.C. (1998) Complementação e adjunção em sentenças complexas.

plementador, questionando-se a suposta necessidade de um processo de ancoragem semântica (Pinker 1989) para o desenvolvimento sintático. Um trabalho revelador sobre a presença ou não do CP é o de Sikansi (1998)¹⁴ sobre a aquisição das interrogativas com palavras-Q.

Examinemos agora os tópicos mais desenvolvidos.

Há várias dissertações de mestrado que examinam a relação entre léxico e sintaxe. É o caso do trabalho de Whitaker-Franchi (1989),¹⁵ acerca de estruturas causativas e ergativas, o de Oliveira de Paula, (1996)¹⁶ e o de Palmieri (1998)¹⁷ sobre o conhecimento na criança da estrutura argumental de verbos e o trabalho sobre verbos denominais de Oliveira Martins (1996).¹⁸ Sobre a projeção do núcleo nominal, temos o estudo de Cerqueira (1998),¹⁹ que estuda a aquisição dos possessivos.

Sobre a realização fônica dos argumentos em nulos ou lexicais, temos Kato (1994b),²⁰ sobre o sujeito e Kato (1994c),²¹ que desenvolve um trabalho sobre objeto nulo na criança, a partir de uma teoria sua que o considera um fenômeno não-uniforme. Scherr (1996)²² faz uma pesquisa sobre o mesmo tópico em outras crianças. Ainda sobre o sujeito nulo/preenchido

¹⁴ Sikansi, N.S. (1998) As interrogativas-Q na gramática infantil do PB. Workshop sobre Gramática e Aquisição da Linguagem. UNICAMP, 23-24 de março de 1998.

¹⁵ Whitaker-Franchi, C. M. (1989) "Correlação entre estruturas causativas e estruturas ergativas: estudo no processo de aquisição". *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 17:163-185.

¹⁶ Oliveira de Paula, A. (1996) *Estrutura argumental e sua expressão lexical - um estudo do conhecimento de verbos em crianças em idade escolar*. Dissertação de Mestrado. UFRJ.

¹⁷ Palmieri, D. (1998) A sintaxe dos verbos em gramáticas emergentes do Português Brasileiro. Workshop sobre Gramática e Aquisição da Linguagem. UNICAMP, 23-24 de março de 1998.

¹⁸ Oliveira Martins, L. S. (1996) *Verbos Denominais na Aquisição e no Ensino*. Dissertação de Mestrado. UFRJ.

¹⁹ Cerqueira, V. (1998) The acquisition of possessives. Workshop sobre Gramática e Aquisição da Linguagem. UNICAMP, 23-24 de março de 1998.

²⁰ Kato, M. A. (1994b) "The category 'subject' in early child grammar". Comunicação apresentada no *Seminário de Aquisição*. UCLA.

²¹ Kato, M. A. (1994c) "A theory of the null object and the development of a Brazilian child grammar". In: Tracy, R. & E. Lattey (orgs) *How tolerant is Universal Grammar?* Tubingen. Niemeyer.

²² Scher, A. P. (1996) "A aquisição de objetos nulos". *Anais do XXV Seminário do GEL*:733-736.

na aquisição do português temos o estudo de Simões (1997^a, 1997b, 1998)²³ e o de Oliveira (1998),²⁴ que estudam o sujeito nulo, comparando o português brasileiro, o inglês e o italiano em aquisição nas mesmas faixas.

O que se aprende na escola, ao contrário do que se aprende como primeira língua, pode envolver processos de aprendizagem que ativam não a GU, mas um mecanismo geral piagetiano de resolução de problema – PSC – (Felix, 1987). O trabalho de Negrão (1990),²⁵ trabalhando no contexto escolar, examina a distribuição do pronome na fala de crianças. A dissertação de Correa (1991)²⁶ estuda o objeto nulo em crianças e a aquisição de clíticos através da escola. Da mesma autora (Correa, 1997)²⁷ é a tese que estuda a aquisição da relativa padrão via escolarização. O estudo de Kato, Cyrino e Correa (1994)²⁸ compara a perda diacrônica dos clíticos de terceira pessoa no PB e sua recuperação via escolarização.

No domínio que envolve segunda língua, onde também temos a possível interação da GU com o PSC, temos trabalhos sobre bilingüismo (Lage, 1992,²⁹ Ribeiro, 1996³⁰ e Kato, 1994³¹ e

Gonçalves 1998)³² e aquisição/aprendizagem formal de segunda língua em Cyrino (1997, 1998),³³ Gonzalez (1998)³⁴ e Sandalo e Gordon (a sair).

Em áreas mais específicas, temos os interessantes trabalhos de Quadros (1996, 1997)³⁵ sobre as categorias vazias em crianças surdas, do ponto de vista da aquisição, e o de Guindaste (1996)³⁶ sobre a reaprendizagem de formas sintáticas por um afásico com problema de agramatismo. Ainda na área da neurolinguística, há o trabalho de França (1994),³⁷ que relata os desenvolvimentos das pesquisas neurológicas e neurolinguísticas na visão da TPP.

Um trabalho de reflexão teórica sobre aquisição na visão da TPP é o de Lopes (1994),³⁸ no qual a autora discute a (im)possibilidade de trabalhar empiricamente com dados de aquisição em tempo real, nessa perspectiva. Remeto ainda o leitor a Galves (1997), Mioto (1995) e Kato (1995) para uma compreensão das idéias de Chomsky sobre sintaxe e aquisição.

²³ Simões, L. (1997^a) *Sujeito Nulo na Aquisição do Português Brasileiro: um estudo de caso*. PUCRS: Tese de Doutorado. Simões, L. (1997b) *Sujeito nulo na aquisição do Português do Brasil: resultados quantitativos de um estudo de caso*. *Letras de Hoje*, 110:107-124. Simões, L. (1998) *The null subject in the acquisition of Brazilian portuguese*. Workshop sobre Gramática e Aquisição da Linguagem. UNICAMP, 23-24 de março de 1998.

²⁴ Oliveira, Marilza de (1998) *O sujeito nulo na aquisição do Português Brasileiro e do Italiano*. Workshop sobre Gramática e Aquisição da Linguagem, UNICAMP, 23-24 de março de 1998.

²⁵ Negrão, E. (1990) *A distribuição e interpretação de pronomes na fala de crianças de escola pública*. FAPESP: relatório de pesquisa.ms.

²⁶ Correa, V. R. (1991) *O objeto nulo no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.

²⁷ Correa, V.R. (1997) *Oração Relativa: o que se fala e o que se aprende no Português do Brasil*. UNICAMP: tese de doutorado.

²⁸ Kato, M. A., S. M. L. Cyrino e V. R. Correa (1994) "The recovery of diachronic losses through schooling". Comunicação apresentada em *NWAVE XXIV*, Filadélfia.

²⁹ Lage, A. C. (1992) *Brasil-Deutsch – uma estratégia para aproximação de línguas*. Dissertação de Mestrado. UFRJ.

³⁰ Ribeiro, I. (1996) *A aplicação de Princípios e Parâmetros da teoria da gramática ao estudo do fenômeno de alternância de código*. *D.E.L.T.A.*, 12(2): 327-366.

³¹ Kato, M. A. (1994d) "Metalinguistic reflections on code-switching". In: Barbara, L. & M. Scott (orgs) *Reflections on Language Learning*, Clevedon. Multilingual Matters.

³² Gonçalves, S.C.L. (1998) *O papel de L1 na aquisição de L2: um estudo na comunidade Yuba*. Workshop sobre Gramática e Aquisição da Linguagem. UNICAMP, 23-24 de março de 1998.

³³ Cyrino, S. M. L. (1997) "Alternância de código na fala de uma criança bilíngüe em português e espanhol". *Revista da ANPOLL* 3:193-211 e Cyrino, S.M.L. (1998) *Issues in second language acquisition*. Trabalho apresentado no "Workshop" sobre Gramática e Aquisição da Linguagem. UNICAMP, 23-24/03/98.

³⁴ Gonzalez, N. T.M. (1998) *Sobre a aquisição dos clíticos do espanhol por falantes nativos do português*. Workshop sobre Gramática e Aquisição da Linguagem. UNICAMP, 23-24 de março de 1998.

³⁵ Quadros, R. M. (1995) *As Categorias Vazias Pronominais: uma análise alternativa com base nas línguas e reflexos no processo da aquisição*. PUCRS. Dissertação de Mestrado; (1997) "As categorias vazias pronominais". *Anais do I Encontro do CELSUL*: 854-858.

³⁶ Guindaste, R. (1996) *O Agramatismo em Português: um Estudo de Caso*. Tese de Doutorado. UNICAMP.

³⁷ França, A. I. (1994) *A Metáfora Chomskiana e o Problema de Orwell*. Dissertação de Mestrado. UFRJ.

³⁸ Lopes, R. E. (1994) "Seleção, 'input' e sintaxe mínima". *Mesa-redonda sobre Aquisição: ABRALIN (SBPC)*, ms.; (1995) "O que a criança não nos diz: o lugar da empiria no modelo chomskiano". *Letras de Hoje* 30(4):83-90.

Esse relato apresentou apenas uma amostragem do tipo de estudo em aquisição que se vem fazendo na gerativa em nosso país. Omissões, nesse tipo de levantamento, são inevitáveis, mas espero receber informações sobre outros trabalhos para um futuro relato.

Espero ainda que a nova geração minimalista coloque o Brasil no nível internacional, não só na sintaxe, mas também em aquisição, diminuindo assim a distância que sempre tivemos em relação ao primeiro mundo.

Referências Bibliográficas

Nota: autores brasileiros que fazem parte dessa retrospectiva têm sua referência em notas.

- Chomsky, N. (1965) *Aspects of The Theory of Syntax*. Cambridge: Mass. MIT Press.
- _____. (1981) *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht. Foris.
- _____. (1982) *Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding*. Cambridge: Mass. MIT Press.
- _____. (1986) *Knowledge of Language: its nature, origin and use*. New York. Praeger.
- _____. (1995) *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- Felix, S. (1987) *Cognition and Language Growth*. Dordrecht: Foris.
- _____. (1995) *The Minimalist Program*. Cambridge: Mass. MIT Press.
- Clark, R. e I. Roberts (1992) A computational approach to language learnability and language change. *D.E.L.T.A. Especial*:53-104.
- Galves, Ch. (1997) Princípios, Parâmetros e Aquisição da linguagem. *Cadernos de Estudos Linguísticos*,29:137-152.
- Goodluck,H. (1991) *Language Acquisition*. London: Blackwell.
- Kato, M.A. (1995) Sintaxe e aquisição na visão de princípios e parâmetros. *Letras de Hoje*, n.102:57-74.
- Kato, M.A. (1997) Teoria sintática: de uma perspectiva de "-ismos" para uma perspectiva de "programas". *D.E.L.T.A.* 13,2:275-90.

- _____. (a sair) Estudos brasileiros na perspectiva de princípios e parâmetros. *Revista da ALFAL*.
- Lebeaux,D. (1988) *Language Acquisition and the Form of Grammar*.University of Massachusetts: Ph.D.Dissertation.
- Jackendoff, R. (1990) *Semantic Structures*. Cambridge, Mass. The MIT Press.
- Mioto, C. (1995) A gramática gerativa e aquisição da linguagem. *Letras de Hoje* (30)4, 75-81.
- Otsu, Y. (1981) *Universal Grammar and Syntactic Development in Children: Toward a Theory of Syntactic Development*. MIT: Ph.D. Dissertation.
- Pinker,S. (1984) *Language Learnability and Language Development*. Cambridge: Mass: Harvard University Press.
- Pollock, J-Y (1989) "Verb-movement, UG and the structure of IP". *Linguistic Inquiry*" 20:365-424.
- Rizzi,L. (1992) "Early null subjects and root null subjects". *Geneva Generative Papers*, Genebra, (0), 1-2, 102-114.
- Wexler,Ken & R.Manzini (1987) Parameters and learnability. In: T.Roeper & E.Williams (eds) *Parameter Setting*.Dordrecht: Reidel.